Em busca do objeto perdido: ensaio sobre literatura e psicanálise

GEOVANE MELO JUNIOR*

Resumo

Este artigo pretende discutir alguns trechos do primeiro volume da obra literária de Marcel Proust *Em busca do tempo perdido*: no caminho de Swann, relacionando-os à psicanálise. Lembremos que tanto Proust como Freud deram uma atenção especial ao adormecer, ao devaneio, e, de certa forma, inauguraram um novo modo de escrita. Quiçá possamos dizer que, enquanto Proust buscava uma gramática da existência, Freud trabalhava em uma gramática do inconsciente. Como fundamentação teórica deste artigo, utilizaremos principalmente o escritor e psicanalista Phillipe Willemart.

Palavras-chave: Proust; Freud; memória involuntária; inconsciente

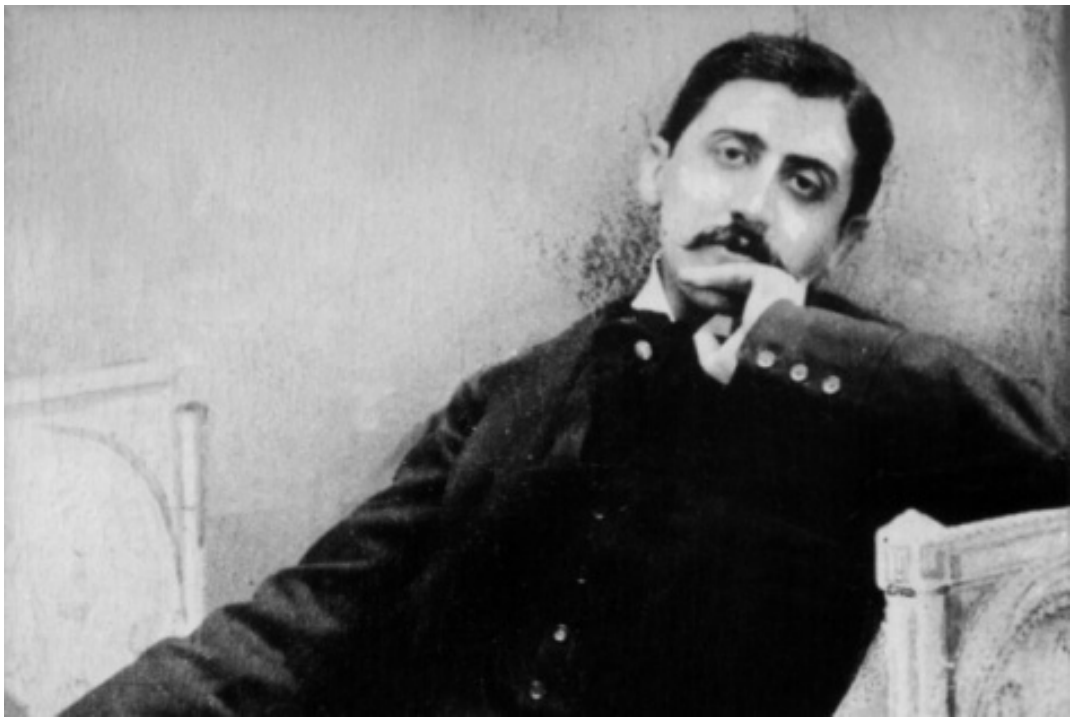
Abstract

This paper aims to relate to the psychoanalysis some passages from the first volume of Marcel Proust's *In Search of Lost Time:* Swann's Way. Both Proust and Freud gave especial attention to sleep, to dream, and in a way inaugurated a new manner of writing. Maybe we could say that, while Proust was searching for a grammar of existence, Freud was working in a grammar of the unconscious. As a theoretical foundation for this paper, we will mainly use the writer and psychoanalyst Phillipe Willemart.

Key words: Proust; Freud; involuntary memory; the unconscious.

* **GEOVANE MELO JUNIOR** é Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia; Licenciatura em Letras (em andamento) também pela Universidade Federal de Uberlândia e atualmente é Assistente em Administração na Universidade Federal de Uberlândia.

"Um homem que dorme
mantém em círculo em torno de si
o fio das horas, a ordem dos anos
e dos mundos."
Marcel Proust (2006, p. 17)



O escritor francês Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust nasceu em 1871, quinze anos após o fundador da psicanálise, o austríaco Sigmund Schlomo Freud. O primeiro, entre outros escritos, é o autor da afamada obra *Em busca do tempo perdido,* escrita em sete tomos e publicada entre 1913 e 1927, sendo os três últimos postumamente. Especificamente no Brasil, seus primeiros quatros volumes foram traduzidos por Mario Quintana, o quinto volume coube a Manuel Bandeira, o sexto a Carlos Drummond de Andrade e o sétimo e último a Lúcia Miguel Pereira. Com o tempo, após suas reedições, paulatinamente foram surgindo sucessivas análises da obra por diversos críticos literários. O autor foi "redescoberto" pelos intelectuais brasileiros.

Este é um romance que rompe com a estrutura da escrita em voga em sua época. Podemos nos arriscar a dizer que sua escrita nos lembra o método freudiano da associação livre, empregada com fins artísticos, de estilo. A título de exemplo, na conhecida cena em que Proust mergulha a *Madeleine* em seu chá e involuntariamente é levado a memórias outras, impelido até sua infância na pequena Combray, não estaria em cena uma associação livre?

Por sua vez, Freud nasceu no antigo Império Austríaco, em 1856, em uma família judia. Ele iniciou sua carreira como médico neurologista e, a partir de um estágio na França, com o médico Charcot, começou seu interesse pela histeria, pela neurose. Foi autor de diversos ensaios psicanalíticos que escandalizaram a sociedade da época, tais como: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e a obra pilar da teoria do

inconsciente, *A interpretação dos sonhos.* Ademais, foi o primeiro a afirmar categoricamente a importância dos eventos inconscientes em nossas vidas, alegando que o *Eu* [ego] não é senhor em sua própria casa. Vejamos: "ele (o *Eu*) é não apenas o auxiliar do *Id*, mas também o seu escravo submisso, que roga pelo amor do amo" (FREUD, 2011b, p. 70). Ressaltou que o conceito de inconsciente ultrapassa o de *Id,* assim como o de consciente está além do termo *Ego*.

Isso, mais tarde, nomeará de a terceira ferida narcísica da humanidade, sendo a primeira desferida por Nicolau Copérnico – nós não somos o centro do universo – e a segunda por Charles Robert Darwin – nós não somos sequer um ser especial, a par dos demais neste planeta. Por outro lado, o escritor e psicanalista francês Philippe Willemart disserta sobre as seguintes feridas: "[...] outra derrota do homem depois da de sua expulsão do centro do Universo (Copérnico), do centro da estrutura psíquica (Freud), do centro da economia (Marx) e da linguagem (Lacan) [...]" (WILLEMART, 2002, p. 92).

Apesar de terem sido contemporâneos, tudo leva a crer que esses dois artífices da letra nunca se encontraram: "nenhum dos personagens-médicos parece utilizar a teoria freudiana, o que nos leva a crer que Proust não a conhecesse, confirmando assim a opinião de muitos críticos" (WILLEMART, 2002, p. 99). Todavia, mesmo com esse distanciamento de idiomas, idade e trabalho, ambos escreveram, à sua forma – Proust por meio do romance, da literatura; já Freud, através de casos clínicos "romanceados", pela psicanálise e filosofia –, sobre o *pathos* da alma humana, isto é, o amor, o sonho, a sexualidade e a memória. Enquanto Proust buscava uma gramática da existência, Freud trabalhava em uma gramática do inconsciente.

Acreditamos ser importante fazer uma ressalva neste momento: o intento capital desta investigação é fomentar conversações entre trechos da obra proustiana e a psicanálise. Logo, em momento algum esta leitura pretende reduzir o pensamento de Proust em um mero sub-discurso freudiano ou fazer uma psicanálise selvagem da obra. Portanto, tal como nos aponta Phillipe Willemart (2000, p. 42), "ao fazer tal aproximação, não estou reduzindo o romance a um Édipo, tentação do psicanalista que confunde obra literária e discurso do analisando [...]".

Assim sendo, a partir desse percurso traçado, este artigo propõe trabalhar nas próximas páginas as possíveis relações, podemos dizer de estilo e temáticas, entre a psicanálise e o primeiro volume da obra proustiana. Diálogos estes que não devem causar estranheza, afinal Freud influenciou e foi influenciado sobremaneira pela literatura universal. Ele percebeu que seus maiores apoiadores não eram médicos, mas sim escritores, artistas: "na França, o interesse na psicanálise partiu dos homens das belas-letras" (FREUD, [1925] 2011, p. 151). Com o livro *A Interpretação dos sonhos* a psicanálise ultrapassou os limites de um assunto puramente médico.

Nesse sentido, lembremo-nos da carta enviada de Freud ao escritor alemão Wilhelm Jensen, na qual o psicanalista faz uma sucinta e profunda observação acerca dos diálogos entre psicanálise e literatura; "nós (o escritor e o analista) provavelmente bebemos da mesma fonte, trabalhamos o mesmo objeto, cada qual com um método diferente" (FREUD *apud* GAY, 2012, p. 325). Complementa Willemart:

> A literatura, plural por excelência, contém todos os outros discursos, do político ao filosófico, passando pelo psicanalítico e o histórico e revela um

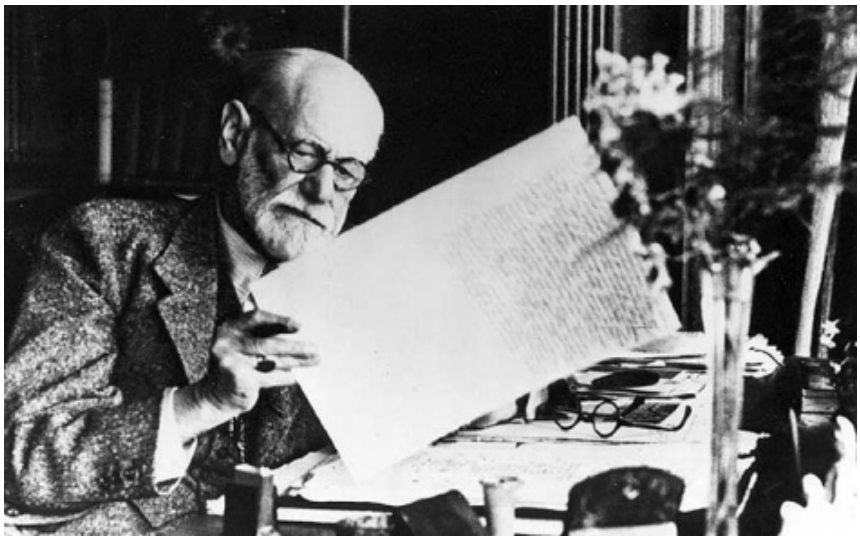
> saber sobre o ser falante que as outras ciências levaram muito tempo para descobrir ou teorizar (WILLEMART, 2000, p. 19).

A propósito, observemos que, enquanto várias mentes brilhantes dos séculos XIX e XX estavam buscando uma ciência da "vida real", da "vida desperta", Freud alça voo aos recônditos obscuros do sonho e Proust singra rumo aos mares abstrusos do devaneio, do sono.

Não por acaso, seu primeiro tomo tem, como frase inicial: "durante muito tempo, costumava deitar-me cedo. Às vezes, mal apagava a vela, meus olhos se fechavam tão depressa que eu nem tinha tempo de pensar: Adormeço" (PROUST, 2006, p. 16). A partir de Proust e Freud, o adormecer, os sonhos, o devaneio e suas vicissitudes entram definitivamente em cena nas mais diversas investigações acerca do homem.

Do *corpus* teórico ao romance

E eis que, tendo Deus descansado no sétimo dia,
os poetas continuaram a obra da Criação.
Mario de Quintana (1998, p. 6)



Em seu ensaio *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud irá nos situar com relação à infância, pois, até então, pensava-se que este momento fosse um estágio desprovido de sexualidade. Todavia, segundo o autor, "as crianças são capazes de todas as funções sexuais psíquicas e de muitas das somáticas e que é errôneo supor que sua vida sexual só comece na puberdade" (FREUD, 1996, p. 77). O psicanalista dirá que, ao contrário, o infante deve ser tido como um perverso polimorfo, uma vez que obtém prazer das mais diversas formas. Esta afirmação valida o conceito de psicossexualidade, em Freud, isto é, este não deve ser reduzido ao sexo [anatômico], e nem a psicanálise é uma "terapia sexual":

> Em psicanálise, o conceito do que é sexual abrange bem mais; ele vai mais abaixo e também mais acima do que seu sentido popular. Essa extensão se justifica geneticamente; nós reconhecemos como pertencentes à vida sexual todas as atividades dos sentimentos ternos que têm os impulsos sexuais primitivos como fonte, mesmo quando esses impulsos se tonaram inibidos com relação a seu

> fim sexual original, ou tiveram de trocar esse fim por outro que não é mais sexual. Por essa razão, preferimos falar em psicossexualidade, colocando assim ênfase sobre o ponto de que o fator mental na vida sexual não deve ser desdenhado ou subestimado (FREUD, 1996: p. 137).

Desse modo, de certa forma, o psicanalista vienense irá retirar a infância do âmbito "mágico" e trará esse momento como um estágio vivo, verdadeiramente "turbulento", momento este em que a criança e o adolescente vivem diversos conflitos, não obstante, tal como mostrado acima, com a presença marcante da sexualidade. Inclusive, um dos efeitos dessa sexualidade na criança é o próprio Complexo de Édipo. Lembremos que, ao forjar esse conceito, Freud busca influência nas leituras da tragédia grega de Sófocles, *Édipo Rei*, na literatura inglesa de William Shakespeare, *Hamlet,* e na literatura russa de Fiódor Mikhailovich Dostoievski, *Os Irmãos Karamazov*. O psicanalista percebe as várias possibilidades de enriquecimento mútuo entre a criação literária e a psicanálise.

> Toda uma série de sugestões se originou para mim do complexo de Édipo, cuja ubiquidade vim percebendo pouco a pouco. Se a escolha ou a criação desse tema horrível sempre fora enigmática, assim como o efeito perturbador de sua representação poética e a própria natureza de tais tragédias do destino, tudo se explicava mediante a percepção de que ali fora apreendida uma lei geral do funcionamento psíquico em toda a sua significação afetiva (FREUD, 2011a, p. 152).

Freud intui que o *Dichter* é capaz de antever o inconsciente por meio da Literatura; afinal, embora usem caminhos diferentes, o poeta e o psicanalista partem do mesmo lugar, ou seja, trabalhar a complexidade da alma humana. "O poeta ou escritor de ficção é admirado por Freud como detendo um saber sobre o homem muito mais direto que aquele arduamente obtido pelo analista na busca de conhecimento [...]" (RIVERA, 2005, p. 8).

Ora, no primeiro livro de Proust, a sexualidade infantil é tratada por várias vezes. Tomemos, por exemplo, os momentos nos quais a personagem Gilberte, filha de Swann, faz gestos obscenos durante a obra. Além disso, e não menos importante, temos a cena fantástica do beijo tão esperado por parte do autor, vindo de sua mãe. Um verdadeiro romance sobre a extrema fragilidade humana frente a esse estranho sexual. Vejamos abaixo:

> Quando subia para me deitar, meu único consolo era que mamãe viria beijar-me na cama. Mas tão pouco durava aquilo, tão depressa descia ela, que o momento em que a ouvia subir a escada e quando passava pelo corredor de porta dupla o leve frêmito de seu vestido de jardim, de musselina branca, com pequenos festões de palha trançada, era para mim um momento doloroso. Anunciava aquele que viria depois, em que ela me deixaria, voltando para baixo. Assim, aquela despedida de que tanto gostava chegava eu a desejar que viesse o mais tarde possível, para que se prolongasse o tempo de espera em que mamãe ainda não aparecia. Às vezes, quando depois de me haver beijado, abria a porta para partir, desejava dizer-lhe "beija-me ainda outra vez", mas sabia que logo seu rosto assumiria um ar de zanga, pois a concessão que fazia a minha tristeza e inquietude, subindo para levar-me aquele beijo de paz, irritava a meu pai, que achava esses ritos absurdos, e ela, que tanto desejaria fazer-me perder a necessidade e o hábito daquilo, longe estava de deixar-me adquirir o novo

> costume de pedir-lhe, quando já se achava com o pé no limiar da porta, um beijo a mais. E vê-la incomodada destruía toda a calma que me trouxera um momento antes, quando havia inclinado sobre meu leito sua face amorável, oferecendo-a como uma hóstia para uma comunhão de paz, em que meus lábios saborearam sua presença real e ganhariam a possibilidade de dormir (PROUST, 2006, p.21).

Assim sendo, percebemos que, para ambos os autores, o inconsciente, ou esse campo de sensações evocado de maneira involuntária, é circunscrito pela sexualidade infantil. "Esse vaivém tornado possível entre a consciência e um outro mundo assumirá os mais diferentes nomes: memória involuntária inconsciência, partes da alma, etc. [...]" (WILLEMART, 2000, p. 29). Ora, o beijo tão esperado da mãe – lembremos que Freud nomeará a boca como uma das zonas erógenas do corpo, isto é, zonas nas quais a sexualidade é mais sensível – "encontra-se à flor da pele".

Portanto, enquanto o vienense Sigmund Freud nos falará a respeito da sexualidade infantil e seus efeitos no inconsciente, o francês Marcel Proust dissertará, em seu romance, acerca da sexualidade infantil e seus atravessamentos. Além, claro, de outras questões que não nos cabe enumerar neste breve artigo. Além do mais, abrimos um "parêntese", nesse momento da escrita, parra sublinhar que como dito nas páginas acima, o enriquecimento entre psicanálise e literatura foi farto e mútuo, logo, Proust não foi o único a ser influenciado e, quiçá, influenciar a psicanalise, é nítida a influência entre outros tantos literatos, filósofos, sociólogos, etc.

A eterna busca pelo objeto perdido: sujeito faltoso e desejo

"[...] agora todas as flores de nosso jardim
e as do parque do Sr. Swann,
e as ninfeias do Vivonne, e a boa gente da aldeia
e suas pequenas moradias
e a igreja e toda a Combray e seus arredores,
tudo isso que toma forma e solidez,
saiu, cidade e jardins, de minha taça de chá"
Marcel Proust (2006, p. 41)

A certa altura da leitura do primeiro volume de Proust, o leitor atento percebe que há "constatações psicanalíticas" na obra. De certo modo, na verdade, Proust, podemos dizer que na esteira de Nietzsche, antecede conceitos psicanalíticos décadas à frente de seu tempo; vejamos o porquê.

O psicanalista francês Jacques-Marie Émile Lacan, em seu quarto seminário, intitulado *A relação de objeto,* tratará sobre a falta constituinte do sujeito. Em seu retorno a Freud, Lacan nos chamará atenção para o objeto faltoso: "em Freud, fala-se, é claro, de objeto. A última divisão dos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade se chama, precisamente, *A descoberta do objeto"* (LACAN, 1995, p. 12).

Tomemos então este trecho do livro proustiano:

> É assim com o nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo todos os esforços da nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora do seu domínio e do seu alcance, nalgum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não o encontremos nunca (PROUST, 1982, p. 31).

Ora, tal como Lacan posteriormente apontará, esse objeto nos assinala a nossa falta constituinte e, consequentemente, nossa condição desejante no circuito pulsional. Proust também indicou essa condição humana.

Ao pegarmos este parágrafo de Proust citado acima, se trocarmos a palavra "oculto" por inconsciente, quiçá, teríamos uma descrição psicanalítica sobre a fadada condição errante do desejo humano. Corrobora com a argumentação deste diálogo o psicanalista Phillipe Willemart:

> O narrador tem uma concepção bastante surpreendente do desejo. Representando uma topografia do desejo com uma grande estrada com atalhos, distingue dois tipos de desejo: os desejos gerais, que poderiam equivaler ao desejo do objeto perdido de Freud, e o desejo particular, que se refere a uma pessoa determinada (WILLEMART, 2002, p. 139).

Para melhor análise, comparemos este parágrafo, novamente, com uma apreciação psicanalítica. Na teoria psicanalítica, a "felicidade" versa na leda ilusão da incidência do objeto com a pulsão.

Logo, a imposição basal do princípio do prazer de busca da felicidade jamais será plenamente realizada, por mais que o sujeito utilize seus esforços, pois a felicidade consiste num mero momento efêmero de satisfação pulsional, sendo como tal somente uma manifestação episódica. Notemos estas teorizações à frente de seu tempo na pena do escritor francês:

> Senti que (a alegria) estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente, não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? Que significava? Onde apreendê-la? Bebo um segundo gole que me traz um pouco menos que o segundo, um terceiro que me traz um tanto menos do que o segundo. É tempo de parar, parece que está diminuindo a virtude da bebida. É claro que a verdade que procuro não está nela, mas em mim (PROUST, 1982, p. 44).

Desse modo, é exatamente quando a pulsão se depara num tênue espaço daquilo que tampona o objeto que se opera tal ilusão de encontro, isto é, o que conhecemos por "felicidade":

> Freud tinha situado a origem do ser humano na fusão inicial com a mãe que representa o máximo da incorporação gozante, em que todos os poros da pele estão concernidos. A criança aconchegada no útero materno é o paradigma. A vida tenta reencontrar inconscientemente essa sensação primordial de todas as maneiras possíveis. A teoria psicanalítica conceituou esta busca como a procura do objeto perdido, perdido porque é impossível de ser atingido. Irreal portanto, e situado no registro Imaginário, o gozo impossível é descrito por Lacan como uma alucinação fundamental. (WILLEMART, 2000, p. 114).

Destarte, percebamos que, embora este objeto "venha" do passado mítico, nossa eterna tentativa de reencontro com ele o recoloca constantemente na esfera de um futuro, de um porvir, na cadeia significante do sujeito.

Em outras palavras, aponta Proust:

> Tentamos achar nas coisas, que por isso nos são preciosas, o reflexo que nossa alma projetou sobre elas, e desiludimo-nos ao verificar que as coisas parecem desprovidas, na natureza, do encanto que deviam, em nosso pensamento [...] (PROUST, 1982, p. 56).

Isso posto, se o objeto sexual primordial foi perdido, toda tentativa de reencontrá-lo está fadada ao fracasso, não passa de um "teatro de sombras". Ora, é o que Proust parece nos apontar no parágrafo

acima. Desse modo, observemos que, se é que podemos falar de um discurso proustiano, este faz profícuos diálogos com o discurso psicanalítico; ambos trabalham a seu modo as questões do desconhecido, inconsciente ou memória involuntária, e também contemplam a falta constituinte do ser e sua consequente estrutura desejosa.

Observemos que o último volume da série de Proust tem como título o tempo redescoberto (também traduzido como recuperado), que nos remete ao objeto faltoso psicanalítico, esse objeto primitivo, contudo, sempre memorável.

Para Benjamin (2012, p. 47), "acompanhar a interação entre envelhecimento e rememoração significa penetrar no coração do mundo proustiano [...]". Há uma filosofia sobre a falta inerente à condição humana na psicanálise, por sua vez, há na escrita proustiana um romance trágico acerca da falta.

Dois autores, duas experiências de vida, duas nacionalidades e um caminho repleto de incidências. Apesar de aparentemente os dois gênios nunca terem se encontrado, ambos discursam sobre o "inconsciente", acerca de uma "memória involuntária".

Por fim, ressaltemos uma vez mais que não é intenção desta escrita psicanalisar Proust e muito menos diminuir sua obra a um discurso psicanalisado; porém, fica tácito que aproximações entre a obra proustiana e a psicanálise são passíveis de serem construídas. Assim como também não é intuito deste artigo afirmar que Proust foi o único a influenciar e ser influenciado pela psicanálise, apenas sublinhamos os possíveis diálogos entre esses dois intelectuais, dentre as várias perspectivas possíveis.

Referências

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In._____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 8.ed. revista. Obras Escolhidas v.1. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FREUD, Sigmund. Autobiografia (1925). In._____. **O Eu e o Id, autobiografia e outros textos**: volume 16. São Paulo. Companhia das letras, 2011a.

_____. O Eu e o Id. (1925). In._____. **O Eu e o Id, autobiografia e outros textos**: volume 16. São Paulo: Companhia das letras, 2011b.

_____. Psicanálise silvestre. (1910). In._____. **Ed. Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). In._____. **Ed. Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, Peter. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. 2.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

LACAN, Jacques. **O Seminário:** Livro 4: A relação de objeto. (1955-56). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**: no caminho de Swann. 5. ed. Tradução Mário Quintana. Porto Alegre: Editora Globo, 1982.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**: Volume I: No caminho Swann (1871-1922). Tradução de Mario Quintana. 3.ed. rev. São Paulo: Globo, 2006.

QUINTANA, Mário. Caderno H. São Paulo: Globo, 1989.

RIVERA, Tania. **Guimarães Rosa e a psicanálise**: ensaios sobre imagem e escrita. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

WILLEMART, Philippe. **Educação Sentimental em Proust**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. **Proust, Poeta e Psicanalista**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

Recebido em 2016-11-29
Publicado em 2017-07-06